

# REPRESENTAÇÕES DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES SOBRE TRABALHO REMUNERADO E TRABALHO DOMÉSTICO<sup>1</sup>

## REPRESENTATION BY CHILDREN AND TEENAGERS ON PAID WORK AND HOUSEWORK

Márcia Onísia da Silva<sup>2</sup>  
Maria de Lourdes Mattos Barreto<sup>3</sup>  
Gisele Maria Costa Souza<sup>4</sup>  
Neide Maria de Almeida Pinto<sup>5</sup>

### 1. RESUMO

O objetivo deste trabalho foi identificar e analisar as representações das crianças e adolescentes sobre a remuneração pelo trabalho e suas representações acerca das tarefas executadas por uma empregada e pela mãe. Por meio do Método Clínico Piagetiano, cujo instrumento é a entrevista clínica, realizou-se este estudo com crianças e adolescentes, tendo sido mostrado que o conhecimento sobre a remuneração evolui e as ideias dos sujeitos vão dos níveis mais simples aos mais complexos. Este estudo auxiliou na compreensão de como são repassados às crianças e adolescentes os valores e crenças de nossa sociedade sobre trabalho e trabalho doméstico. Percebeu-se que a compreensão dos sujeitos evolui e ocorre por níveis diferentes de conhecimento, podendo aparecer representações diferentes sobre a remuneração pelo trabalho e trabalho doméstico em uma mesma faixa etária.

**Palavras-chave:** Método Clínico. Criança-desenvolvimento. Trabalho remunerado e não remunerado.

---

<sup>1</sup> Artigo proveniente da Dissertação de Mestrado intitulada “Representações de Crianças e Adolescentes sobre Trabalho numa Perspectiva Piagetiana”, defendida no programa de pós-graduação em Economia Doméstica-UFV, em 2009. Auxílio financeiro: Capes.

<sup>2</sup> Professora Assistente I. Área de Família e Desenvolvimento Humano - DED/UFV. Mestre em Economia Doméstica-2009. Viçosa, MG, Brasil (monisia@ufv.br/UFV)

<sup>3</sup> Professora Associada I. Área de Família e Desenvolvimento Humano - DED/UFV. M.S. Educação - Psicologia Educacional, 1996, UNICAMP. D.S. Desenvolvimento Humano e Educação, 2001, UNICAMP. Viçosa, MG, Brasil (mmattos@ufv.br/UFV).

<sup>4</sup> Professora do DEDH / ICHS / UFRRJ, Doutora em Ciência da Motricidade – UTL / Lisboa, 2006. Seropédica, RJ, Brasil (souza.gisele@hotmail.com/UFRRJ).

<sup>5</sup> Professora Associada I. Área de Habitação e Decoração. Bacharela e Licenciada em Economia Doméstica, 1991, UFV; M.S. Economia Doméstica, 1995, UFV. D.S. Planejamento Urbano e Políticas Públicas, 2002, PUC-SP. Viçosa, MG, Brasil (nalmeida@ufv.br/UFV).

## **2. ABSTRACT**

This study aimed to identify and analyze the representations of children and adolescents about the remuneration for work and their representations about the tasks performed by a maid and some mother. Through the Clinical Method of Piaget, whose instrument is the clinical interview, this study was performed with children and adolescents showing that knowledge about remuneration evolves, and subjects' ideas extend from more simple to more complex levels. This study helped to understand how the values and beliefs of our society are passed to children and adolescents about work and housework. It was noted that the subject understanding evolves, and occurs through different levels of knowledge, and different representations may appear about the remuneration for the work and housework in the same age group.

**Keywords:** Clinical method. Child-development. Work and domestic labor. Paid and unpaid work.

## **3. INTRODUÇÃO**

As noções das crianças sobre escola, direitos, mobilidade social, afetividade, uso de tecnologias, consumo e sustentabilidade são algumas das temáticas pesquisadas atualmente em diferentes áreas como a antropologia, a sociologia, a psicologia e a educação. Compondo este grupo de aspectos sobre a vida humana, a categoria **trabalho** tem relevância inquestionável, pois dele depende a sobrevivência de qualquer grupo social, destacando-se, entre outros, o grupo familiar. Acredita-se que essa categoria se apresente na vida da criança como tema de conhecimento pois, provavelmente, ela convive com a saída de seus pais ou responsáveis para o trabalho diariamente.

Por outro lado, podem conviver com a falta de trabalho, o desemprego, a baixa remuneração, entre outras situações que acarretam consequências na vida familiar, tais como instabilidade financeira, queda no nível e no padrão de vida, diminuição de recursos, consumo refreado, dificuldade de acesso a uma série de bens e serviços básicos na área da saúde, educação e moradia, por exemplo.

Compreender as representações de crianças e adolescentes pode contribuir para a compreensão do ser humano e do processo de como se chega a ser adulto, contribuindo para a produção científica sobre os processos de pensamento da criança. Uma vez que

as ideias repassadas pelos adultos às crianças e aos adolescentes podem estar carregadas de estereótipos e preconceitos, é preciso problematizar como essas mesmas ideias têm sido absorvidas para entender suas representações.

Nessa direção, procurou-se identificar as representações de crianças e adolescentes sobre o trabalho, delimitando a pesquisa em torno das questões relacionadas ao que se obtém com o trabalho, verificando a questão do trabalho doméstico quando realizado pela empregada e quando realizado pela mãe. Os objetivos desta pesquisa foram identificar e analisar as representações das crianças sobre a remuneração pelo trabalho e suas concepções acerca das tarefas domésticas, verificando-se, especificamente, se para crianças e adolescentes havia diferenças na execução e no pagamento por esses serviços.

#### **4. REFERENCIAL TEÓRICO**

A revisão será apresentada em duas vertentes: uma sobre o trabalho e o trabalho doméstico, tema deste estudo, e a outra sobre a construção do conhecimento, fundamentada nos princípios da Epistemologia Genética, que embasa a análise das respostas obtidas nas entrevistas realizadas com crianças e adolescentes.

##### **4.1 Algumas concepções sobre o trabalho e o trabalho feminino**

O trabalho, como afirma Trindade (2000), é um elemento da existência social, sendo considerado um dos aspectos mais relevantes da vida de um indivíduo. Com o desenvolvimento sócio-histórico da humanidade, a atividade transformou-se em atividade-trabalho, passando a ocupar grande parte da vida do ser humano.

A atividade, como categoria essencial, certamente no início associada ao lúdico e à produção apenas do necessário para a sobrevivência do grupo, no decorrer da história da humanidade, transforma-se em trabalho, uma forma específica de atividade: trabalho como força, mercadoria, elemento de troca (...). A concepção de trabalho, embora aparentemente universal e sem fronteiras históricas, tem sido construída e reconstruída através dos tempos, fortemente impregnada pelos modelos políticos, econômicos, filosóficos, sociológicos e religiosos que constituem as relações humanas (TRINDADE, 2000, p. 100-109).

Ramalho (2004) considera que as transformações no mundo do trabalho afetam as sociedades, principalmente as industriais, de forma intensa. A produtividade tão

valorizada atualmente é enfatizada na busca pela competitividade e qualidade, marcadas pelas inovações tecnológicas e novas formas de gestão das forças de trabalho. Formas estas que incluem a entrada da mulher, que não está isenta das influências das mudanças no mundo do trabalho.

Neste sentido, Bertolini (2002), afirma que a crescente participação feminina no mercado de trabalho provocou mudanças significativas nos padrões de seu comportamento em relação à maternidade, papel conjugal e profissional. Considerando que no início do século XX o espaço social da mulher estava restrito ao círculo familiar, justificava-se que neste espaço ela deveria receber sua educação e aprender as prendas domésticas.

Na década de 1940, a mulher começa a conquistar espaço, mesmo que tímido, no mercado de trabalho. A partir da década de 1960, seu ingresso nas universidades, a fragilidade do modelo patriarcal e o processo de emancipação tomaram força. Atualmente, os resultados dessas transformações se tornam evidentes com a busca da mulher por realização pessoal, de um lado, e profissional, de outro. O desejo de independência econômica e a preservação de seu papel de mãe ao mesmo tempo se dão de forma conflituosa (BERTOLINI, 2002).

Vaitsman (2001) acrescentou que a dicotomia público-privada e a associação mulher/natureza/procriação/esfera doméstica vêm se tornando teoricamente “disfuncionais” tanto em função do lugar ocupado pelas mulheres no mundo do mercado e da política quanto pela sua própria situação de domínio da biologia, da natureza. Na prática, mesmo nas condições do capitalismo avançado, as mulheres ainda têm sido as principais responsáveis pela procriação e pela esfera da reprodução doméstica, espaço que chegou a ser considerado “natural” diante das justificativas apresentadas até mesmo pela ciência.

Nesta direção, Viana (2006) aponta que o processo histórico que levou à divisão social do trabalho criou a distinção tão discutida atualmente entre trabalho produtivo e improdutivo, confirmando as ideias de Ferreira (2006), que defende a necessidade de se repensar o trabalho da mulher por ser ainda invisível e desvalorizado em muitas sociedades. O trabalho doméstico, realizado no âmbito privado e não classificado como atividade produtora de riqueza, quase sempre é caracterizado como “trabalho de

mulher”, mas nunca é visto como “trabalho”. A divisão sexual do trabalho, socialmente construída, delimita os campos em atividades masculinas e femininas.

Essas crenças, vivenciadas em diferentes culturas, são transmitidas, de uma geração para outra, por meio das interações que se estabelecem entre os membros dos grupos, das atitudes e da perpetuação de tradições. Adultos, crianças, jovens e idosos absorvem-nas, muitas vezes, sem questioná-las. Dessa forma, há necessidade de se estudar como crianças e adolescentes concebem o trabalho dentro e fora do âmbito doméstico, visando a conhecer suas representações e como elas podem ser vivenciadas na família, na escola e na sociedade.

## 4.2 Princípios da teoria Piagetiana

A análise das respostas das crianças e adolescentes foi embasada na Epistemologia Genética, cujo pressuposto é de que o conhecimento é construído por uma assimilação ativa do sujeito, ocorrendo por estágios regidos por estruturas próprias. Piaget aponta como conceitos de invariantes funcionais a organização e a adaptação. A organização refere-se ao fato de todo ato cognitivo pressupor alguma estrutura intelectual, estabelecendo-se uma adaptação intelectual a cada equilíbrio entre um mecanismo assimilador e uma acomodação complementar.

A adaptação cognitiva é constituída por dois processos: assimilação e acomodação. E esta adaptação é o resultado das pressões exercidas pelo meio e explica o desenvolvimento, enquanto a assimilação esclarece o crescimento (PIAGET, 1966). Estes conceitos, por si só, não bastam. O sujeito sofre influências de fatores determinantes para o seu desenvolvimento. Estes fatores são maturação e hereditariedade, exercício e experiência, interações e transmissões sociais e equilíbrio. A maturação do complexo formado pelo sistema nervoso e pelos sistemas endócrinos é responsável por certo número de condutas (PIAGET; INHELDER, 1968).

A experiência pode ser de dois tipos: a *experiência física*, que é a ação sobre os objetos, abstraindo-se suas propriedades, e a *experiência lógico-matemática*, que consiste na ação sobre os objetos, com o objetivo de conhecer o resultado da coordenação dessas ações.

Já as interações e transmissões sociais são necessárias na promoção do desenvolvimento mental (PIAGET,1973). Regras, valores de troca e sinais como a linguagem constituem aspectos dos fatos sociais. A aprendizagem insere-se nesse fator e, mesmo no caso das transmissões sociais, nas quais o sujeito parece mais receptivo, deve ocorrer assimilação ativa da criança. Em seu processo de socialização, o indivíduo contribui e recebe ao mesmo tempo (PIAGET, 2006).

Finalmente, é necessário um processo de equilibração, fator necessário para conciliar a contribuição dos outros três, que constitui o processo regulador das estruturas, tendo Piaget proposto a equilibração como um ponto de equilíbrio entre a assimilação e a acomodação (PIAGET, 1968). Com base nestes conceitos, novos estudos embasados na teoria de Piaget apontam que a construção do conhecimento social, foco deste trabalho, pode ser analisada por níveis de respostas, como pode ser constatado em vários estudos.

Sobre a construção da noção de trabalho, Enesco e Sierra (1995) apontam a existência de evolução nas representações dos sujeitos, que se reflete numa crescente compreensão da necessidade de formação ou preparação para a execução de um trabalho.

Os quatro níveis de compreensão sobre profissões apresentados são: nível I, em que há uma visão primitiva do trabalho, qualquer adulto pode exercer qualquer profissão, bastando ter os instrumentos adequados; nível II, em que as crianças acreditam na necessidade de algum tipo de formação para desempenhar um trabalho, mas não distinguem diferentes profissões ou necessidade de formação específica para atuar em cada uma delas; nível III, em que aparece a noção da necessidade de formação específica, e os sujeitos acreditam que cada profissão é valorizada de forma diferente; e nível IV, em que os sujeitos percebem que a formação prévia é condição necessária, mas não suficiente para atuação adequada em uma profissão.

Os níveis apontados acima foram utilizados na análise das respostas obtidas nas entrevistas com crianças e adolescentes que compuseram a amostra desta pesquisa, como discutido a seguir.

## 5. METODOLOGIA

Este estudo se insere no campo da pesquisa qualitativa que, segundo Godoy (1995), pode ser caracterizada por ter o ambiente natural como fonte direta de dados, sendo o instrumento fundamental o pesquisador. Adotou-se, neste estudo, o Método Clínico Piagetiano, levantando as representações de crianças e adolescentes por meio da entrevista clínica, cujo roteiro foi elaborado e apoiado em material concreto.

### 5.1 População e amostra

A população foi composta por 300 crianças e adolescentes matriculados em uma escola particular de Viçosa, MG, de classe média e média alta, pressuposto pelo valor das mensalidades pagas. A amostra foi composta por 10 crianças de cada faixa etária média - 4 anos, 6 anos, 7 anos, 10 anos, 11 anos e 13 anos - totalizando 60 sujeitos. A Tabela 1 mostra a caracterização das crianças selecionadas para esta pesquisa.

Tabela 1 - Caracterização das turmas da educação infantil e ensino fundamental em setembro de 2008, Viçosa-MG.

Turmas		Menor idade (anos)	Maior idade (anos)	Idade Média (anos)	Nº de meninas	Nº de meninos	Total
Educação Infantil	1º período	4,4	5,1	4,5	6	4	10
	Série inicial	6,1	7,1	6,5	5	5	10
Ensino Fundamental	1ª série	7,4	8,6	7,7	5	5	10
	4ª série	9,6	11,4	10,6	5	5	10
	5ª série	10,11	12,3	11,4	5	5	10
	7ª série	13,4	14,4	13,9	5	5	10
<b>Total</b>					31	29	60

Fonte: Dados da pesquisa, Agosto de 2008.

Foram selecionadas crianças nas faixas etárias indicadas com vistas à obtenção de sujeitos que estivessem teoricamente nas fases iniciais e finais de cada estágio de desenvolvimento proposto por Piaget, uma vez que esta pesquisa se constituiu de estudo

evolutivo caracterizado como transversal, ou seja, são analisados sujeitos diferentes em faixas etárias diferentes, possibilitando a verificação de como as ideias mudam, permitindo obter dados evolutivos em pouco tempo, examinando grande número de sujeitos (DELVAL, 2002).

## **5.2 Métodos de coleta dos dados**

A coleta de dados foi realizada por entrevista clínica, que consiste em apresentar às crianças uma situação de perguntas apoiadas em material concreto. Na entrevista clínica, procura-se a explicação do sujeito sobre aspectos básicos de seu pensamento. Trabalhou-se com dados primários, uma vez que este tipo de análise foi realizada, pela primeira vez, diretamente com os sujeitos e não receberam tratamento analítico. A entrevista, elaborada especificamente para esse fim constou de quatro partes com situações e perguntas, como se segue.

Entrevista 1 – Situações e perguntas apresentadas às crianças, 2008.

### ***Tipos de trabalho-remunerado e não-remunerado (Perguntas)***

(A) - Você sabe me dizer o que esta pessoa está fazendo?

#### **1ª Situação: dois quadros**

##### ***A-Pessoa trabalhando em um escritório***



**Gravura 1**

- (B)- O que você acha que estas pessoas estão fazendo?

Por que você acha que um está dando dinheiro para o outro?

-Ele poderia receber alguma outra coisa sem ser dinheiro?

O quê?

#### **B-Chefe pagando a pessoa**



**Gravura 2**

(A) - O que ela está fazendo?

- Quem você acha que ela é?

- Você acha que ela vai receber alguma coisa pelo trabalho dela?

- O quê?

#### **2ª situação: dois quadros**

##### ***A-Empregada uniformizada servindo a família***





**Gravura 3**

**B-Mulher servindo a família**

- (B) - O que ela está fazendo?  
- Quem você acha que ela é?  
- Você acha que a mãe vai receber alguma pelo trabalho dela?



**Gravura 4**

As perguntas relacionaram-se ao conteúdo das fichas ilustradas à esquerda, no quadro acima e, de acordo com as respostas dos sujeitos, foram feitas perguntas complementares.

### **5.3 Procedimentos de análise dos dados**

As entrevistas, cujo roteiro foi elaborado especificamente para esta pesquisa, foram gravadas e transcritas em protocolos próprios. As respostas foram analisadas e tratadas de acordo com cinco categorias apontadas por Piaget (1947): não importismo, quando a criança responde qualquer coisa para se livrar do interrogatório; fabulação, a criança inventa uma história que não tem nada a ver com o tema pesquisado; crença sugerida, em que o entrevistador ou o material apresentado sugerem uma resposta à criança; crença desencadeada, na qual a criança responde à questão apresentada, mesmo que seja nova para ela; e crença espontânea, em que a pergunta não é nova para a criança, mas ela pensa em uma resposta, produto original de seu pensamento.

Os níveis de compreensão sobre a realidade social propostos por Delval (2002) e Enesco e Sierra (1995) foram usados como critério de análise dos dados obtidos neste estudo. Acrescentou-se o nível Pré-I, elaborado para esta pesquisa, uma vez que não havia sistematização das características do desenvolvimento do conhecimento social de crianças entre 4 a 6 anos de idade. O nível Pré-I caracteriza-se por grande número de respostas fabuladas e não importistas. Há ausência de sistemas interpretativos e a

criança não entende bem o que é trabalho. São ainda pré-conceitos, não existindo conceito de trabalho formulado sistematicamente.

Delval e Denegri (2002) apontaram que, no nível I, de 6 até 10 anos de idade aproximadamente, as crianças baseiam as explicações sobre a realidade a partir dos aspectos visíveis percebidos e não levam em conta os processos sociais, os quais elas ainda não compreendem. A realidade social é concebida como formação de sistemas pouco relacionados entre si. As crianças não compreendem o problema da escassez, pois para elas, o dinheiro pode ser obtido do trabalho, estabelecendo com isso as primeiras relações entre trabalho e remuneração. Os trabalhos não se diferenciam entre si; só difere a quantidade de trabalho. Há a crença de que o trabalho se compra como qualquer mercadoria e isso se deve à generalização própria do pensamento operatório concreto.

O nível II vai, aproximadamente, dos 10 aos 12/13 anos de idade, e crianças e adolescentes começam a perceber os aspectos não visíveis da situação, ou seja, os processos que devem ser inferidos a partir das informações disponíveis. Os sujeitos já são capazes de estabelecer relações entre aspectos sociais e políticos que operam no mundo econômico, mesmo quando não compreendem em sua totalidade suas inter-relações nem podem hipotetizar ou realizar inferências acerca de aspectos probabilísticos nas relações entre diversos sistemas.

No nível II, surge a ideia de escassez e da limitação dos recursos, percebendo a diferenciação do trabalho de acordo com sua qualidade. Aparecem as primeiras intuições de que é necessário algum tipo de formação para desempenhar determinado trabalho, mas não reconhecem a distinção entre diferentes profissões e/ou a existência de formações específicas para cada uma delas.

O nível III se caracteriza pela capacidade de coordenar pontos de vista e de refletir sobre o possível, percebendo processos sociais e políticos que já podem ocupar papel central em suas explicações. Delval e Denegri (2002) mostraram que os adolescentes se tornam críticos com a ordem social vigente, emitindo juízo sobre sua organização e propondo soluções alternativas. Para eles, cada profissão requer uma formação específica e vias de acessos diferentes, captando também a distinta valorização social de cada profissão.

Esta pesquisa teve preocupação em resguardar o proposto na Declaração de Helsinki (1975, revisada em 1983), prezando pela participação voluntária dos sujeitos, considerando o bem-estar dos participantes que prevaleceu sobre os interesses da ciência e da sociedade.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste item, são apresentados os resultados de cada categoria, classificando as respostas das crianças de acordo com os níveis citados anteriormente. A Tabela 2 mostra os percentuais obtidos de crianças nos diferentes níveis de compreensão do conhecimento sobre o trabalho remunerado e o trabalho não remunerado, com a discussão dos resultados por níveis encontrados.

Tabela 2 - Porcentagens de crianças e adolescentes em cada nível, considerando-se a categoria Trabalho remunerado X não remunerado e trabalho doméstico.

<i>Faixa Etária</i>	<i>Situação 1 – Descrição das atividades e pagamento pelo trabalho</i>				<i>Situação 2 – Trabalho doméstico: O trabalho da mãe X o trabalho da empregada</i>				<i>Média (%)</i>			
	<b>PI</b>	<b>I</b>	<b>II</b>	<b>III</b>	<b>PI</b>	<b>I</b>	<b>II</b>	<b>III</b>	<b>PI</b>	<b>I</b>	<b>II</b>	<b>III</b>
4	100	-	-	-	100	-	-	-	100	-	-	-
6	70	30	-	-	70	30	-	-	70	30	-	-
7	40	60	-	-	10	90	-	-	25	75	-	-
10	-	30	70	-	-	50	50	-	-	40	60	-
11	-	20	80	-	-	-	80	20	-	10	80	10
<b>13</b>	-	-	60	40	-	-	80	20	-	-	70	30

Fonte: Dados da pesquisa, 2008.

Com relação à descrição das atividades mostradas na figuras 1 e 2 100% das crianças de 4 anos, 70% das crianças de 6 anos e 40% das crianças de 7 anos no nível Pré-I descreveram sucintamente as características do trabalho apresentado. No nível Pré I, não aparecem justificativas sistematizadas, as crianças acreditam que nada pode ser pago além do dinheiro. Crianças de 4 a 6 anos de idade apresentaram dificuldades em relação à caracterização do trabalho.

Embora as crianças identificassem as atividades, elas acreditavam que o dinheiro deveria ser usado para a remuneração e não compreenderam as questões sociais envolvidas no mundo do trabalho. Quanto à pergunta se as pessoas poderiam receber algo que não fosse dinheiro, as crianças do nível Pré-I responderam que não era possível, mas suas justificativas eram ainda muito simplistas, como pode ser visto no extrato a seguir.

Você acha que as pessoas podem receber alguma coisa pelo trabalho que não seja dinheiro? (Responde depois de um longo tempo) – Senão não...fica...fica sem dinheiro... (Criança 4, de 4; 6 anos, nível Pré-I).

As respostas indicaram ausência de sistemas interpretativos, pois a criança possuía um pensamento preconceitual. A criança não percebe as situações em um todo coerente, mas somente suas partes.

No nível I, os percentuais foram de 30% para as crianças de 6 anos, de 60% para as crianças de 7 anos, de 30% para as crianças de 10 anos e de 20% para as crianças de 11 anos (Tabela 2). A caracterização dos trabalhos é bem definida no nível I. As crianças não apresentam dúvidas sobre o que pensam a respeito do que é feito por diferentes profissionais, como mostra o extrato a seguir.

Acho que isso aqui é...pessoas trabalhando. - O que você acha que estas pessoas estão fazendo? E aqui é recebendo o salário. -Ele poderia receber alguma outra coisa sem ser dinheiro? Ele pode...eu acho que ele pode ganhar pelo trabalho dele, igual a minha mãe...a minha mãe um dia me falou... ela recebe...mais...pra ela, ela recebe mais do que dinheiro...pra ela, ela recebe dinheiro e alegria pra ela trabalhar...pelo que ela trabalha...ela gosta do trabalho dela...é...o meu pai também diz isso...que ele gosta do trabalho...então ela pode receber o trabalho, pode receber alegria...pode receber tristeza...pode receber muita coisa (Criança 3, de 7;6 anos, nível I).

O mundo social, como mostrou Delval (2002), é composto por relações sociais estabelecidas entre indivíduos e, dessa forma, já aparece a ideia de relação entre patrão e empregado. No nível I, não se percebe relação entre tipos de trabalho e remuneração, confirmando o que Enesco e Sierra (1995) apontaram em suas pesquisas, demonstrado também neste estudo.

No nível II, as crianças apresentaram opções como *reconhecimento, carinho, elogios, prêmios por produção, satisfação, felicidade, podem aprender coisas da vida, vale-transporte, vale-compras ou refeição*. Neste nível, encontram-se 70% das crianças de 10 anos, 80% das de 11 anos e 60% dos adolescentes (Tabela 2). O dinheiro permanece como principal finalidade do trabalho, como mostra o extrato a seguir.

Esses dois caras tão trabalhando. Estão num negócio de computador...é...numa sala de...gente! Computadores. -E aqui esse cara, ele é o chefe desse aqui e tá pagando o dinheiro dele, por causa que ele trabalhou aqui. - Ele poderia receber alguma outra coisa sem ser dinheiro? Depende! - Depende de quê? - Tipo assim...se o salário dele é R\$ 50,00, mais ou menos, supondo, aí... desses R\$ 50,00 esse aqui (aponta para a figura que ela disse ser o chefe) poderia comprar vários alimentos ou dar cesta básica em vez do dinheiro se ele tiver precisando. Agora, se ele preferir dinheiro... - Mas ele (chefe) tiraria do salário do empregado? Ou seria algo a mais do que o salário que ele paga? É! Tiraria do salário dele (Criança 3, de 11;4 anos, nível II).

Conforme o extrato anterior, há início de pensamento hipotético e aparece a questão da negociação entre patrão e empregado, o que caracteriza a compreensão de relações sociais, como apontado por Delval (2002). Surge a questão de ganhos por produção e reconhecimento pelo bom desempenho do trabalho. Aparece, em algumas falas das crianças, a noção de um processo histórico na questão das relações de trabalho, especialmente no que se refere ao pagamento pelo trabalho, conforme o extrato a seguir.

Você acha que as pessoas podem receber alguma coisa que não seja dinheiro pelo trabalho delas? Depende, antigamente sim, mas agora acho que não! Antes era troca de uma coisa por outra e agora é só dinheiro (Criança 9, de 11;8 anos, nível II).

A ideia de *troca* remete ao processo de *escambo* praticado como forma de pagamento de mercadorias, sendo a troca de mercadoria por outra mercadoria considerada como tendo valores iguais pelos agentes de troca. Embora a criança não faça referência ao termo “escambo”, ela menciona a troca e isso mostra uma possível influência da escola em sua resposta. Essa ideia caracteriza a transição para o nível III, marcado pela capacidade de inferências e de pensar em um mundo do possível, passando do possível ao real. Nas falas dos adolescentes, percebe-se o pensamento hipotético, com emprego de termos como “*por exemplo*”, “*suponhamos*” para criarem situações exemplificando o que pensam.

O dinheiro permanece como forma fundamental de pagamento, entretanto há outras formas que podem substituí-lo ou complementá-lo, como moradia, vales, transporte etc. Os adolescentes já usam o pensamento lógico-matemático nas situações em que há substituição do dinheiro por outra forma, como no caso de vales. Os adolescentes apontaram outras possibilidades de ganhos, como *aprendizado, convivência com as pessoas, experiência, conhecimento, amigos, felicidade*.

No nível III, encontrou-se 40% dos sujeitos entre 13 e 14 anos de idade (Tabela 2). No extrato a seguir, exemplifica-se resposta característica do nível III.

Você sabe me dizer o que esta pessoa está fazendo? Acho que esse é um lugar de trabalho onde todo mundo tá competindo pra ver quem vai... ganhar... ser melhor pro chefe, não sei. - O que você acha que estas pessoas estão fazendo? E esse é alguém pagando a outra pessoa. - Porque você acha que um está dando dinheiro para o outro? Tá pagando o salário dele. -Ele poderia receber alguma outra coisa sem ser dinheiro? Pode! Eu acho que pode.- O quê? No caso... conhecimento... eu acho que pode receber e. dependendo, não sei... se a pessoa não for feliz, entendeu? Ela pode ...a... felicidade, amigos... ela pode conseguir trabalhando!” (Adolescente 9, de 14;1 anos, nível III).

Nessa fala, o trabalho pode ser considerado um meio de se adquirir mais conhecimento, aparecendo a questão afetiva. Dessa forma, ele acredita que uma pessoa possa ter no trabalho um meio para ser feliz. Além disso, surge a ideia de competição.

## **Situação 2 - O trabalho da mãe X o trabalho da empregada**

Quando foram apresentadas as fichas com uma empregada servindo lanche à família e uma mãe servindo lanche aos filhos, 100% das crianças de 4 anos, 70% das crianças de 6 anos e 10% das crianças de 7 anos afirmaram que a empregada deve receber um salário por seu trabalho e a mãe não recebe nada porque “não está trabalhando”. O extrato a seguir exemplifica essas respostas.

O que ela está fazendo? Tá dando biscoito. - Quem você acha que ela é? Empregada. Moça! - Você acha que ela vai receber alguma coisa pelo trabalho dela? Não. Ela vai ganhar um biscoito porque tá fazendo biscoito.- O que ela está fazendo? – Também. - Também o quê? Tá dando biscoito. (mostro a empregada novamente) - Quem você acha que ela é? Cozinheira. - Você acha que ela vai receber alguma coisa pelo trabalho dela? Vai. - O quê? Dinheiro. (mostro a mãe novamente) É a mãe. – Você acha que a mãe vai receber alguma pelo trabalho dela? Nada! É a mãe!” (Criança 6, de 4;11 anos, nível Pré-I).

No nível I, os dados revelam 30% das crianças de 6 anos, 90% das crianças de 7 anos e 50% das crianças de 10 (Tabela 2). No nível I, há uma descrição mais detalhada das atividades e uma sequência mais organizada das ideias. As características são visualizadas no extrato a seguir.

- O que ela está fazendo? Essa aqui tá fazendo biscoito (mostra a ficha 1), acho que essa aqui é... a mãe dos meninos...não...é a empregada. Acho que essa aqui é a empregada deles e tá fazendo biscoitos. - Você acha que ela vai receber alguma coisa pelo trabalho dela? Vai. - O quê? Ela vai receber

dinheiro. Ela vai receber o salário dela como todo mundo trabalha e recebe o salário. - O que ela está fazendo? Essa já parece que é a mãe deles. E tá fazendo biscoitos também... - Você acha que a mãe vai receber alguma pelo trabalho dela? Dinheiro eu sei que ela não vai receber porque ela tá fazendo uma coisa pros filhos dela, então...na verdade, é só quando é uma profissão que a pessoa recebe dinheiro. Quando a pessoa tá fazendo, por exemplo...minha mãe...quando ela tá fazendo biscoito pra mim, ela não vai receber dinheiro. - E ela pode receber alguma outra coisa? - Olha! Das pessoas, ela pode receber...ela pode receber alegria, mas... dinheiro... essas coisas assim, ela não vai receber, não. Só alegria, essas coisas do tipo!” (Criança 3, de 7;6 anos, nível I).

O trabalho doméstico, para crianças do nível I, se executado por uma pessoa contratada para isso, deve ser remunerado e a mãe pode receber  *muito obrigado, amor, elogio, atenção, respeito, carinho, compreensão*. Essa ideia foi encontrada em crianças de 7 a 11 anos.

No nível II, estão 50% dos sujeitos de 10 anos, 80% dos sujeitos de 11 e 80% dos adolescentes. No extrato a seguir, podem-se perceber as características do pensamento das crianças e adolescentes deste nível.

- O que ela está fazendo? É uma empregada, ela tá fazendo o lanche da tarde das crianças. - Você acha que ela vai receber alguma coisa pelo trabalho dela? Ela vai receber o salário no fim do mês ou quando a patroa dela receber. [gravura B] - O que ela está fazendo? Aqui é a mãe e ela tá dando lanche dos filhos. - Você acha que ela vai receber alguma pelo trabalho dela? Eles podem dar carinho, atenção, amor... (Criança 4, de 10;11 anos, nível II).

A ideia de que a empregada está trabalhando e deve receber por isso é recorrente e a mãe recebe  *carinho, amor dos filhos, reconhecimento*. Como apontaram Ferreira (2006), Bertolini (2002) e Viana (2006), há uma ideia de que o trabalho doméstico “não é trabalho”, como pode ser visto nas falas das crianças e adolescentes.

No nível III, o percentual encontrado foi de 20% das crianças de 11 e 20% dos adolescentes a partir de 13 anos, não havendo crianças de outras faixas etárias. Segue um extrato que exemplifica as características do nível III.

- O que ela está fazendo? A... alguém que trabalha na casa... uma... ajudante... uma babá. Fazendo lanche pra eles. - Você acha que ela vai receber alguma coisa pelo trabalho dela? Recebe dinheiro ou senão... ela mora na casa. - Então pode receber algo sem ser dinheiro, como morar na casa? Algumas pessoas saem da roça pra trabalhar na cidade. Ai elas moram na casa da patroa e só ganham dinheiro pra voltar pra roça... num fim de semana... elas não recebem dinheiro, salário, e sim a moradia. - O que ela está fazendo? Essa daqui parece ser a mãe, dando o lanche. - Você acha que a mãe vai receber alguma remuneração pelo trabalho dela? Eu acho que não... ela só recebe a gratidão dos filhos (Adolescente 2, de 13;7 anos, nível III).

O que diferencia esse nível dos anteriores é a articulação das respostas e a compreensão de aspectos externos que determinam a ocupação do espaço doméstico.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo evidenciou que há uma evolução nas representações de crianças e adolescentes sobre a remuneração pelo trabalho e sobre suas ideias em relação ao trabalho doméstico. Percebe-se que as ideias das crianças e adolescentes são fruto de elaborações próprias e não são copiadas exatamente como são repassadas.

Como apontado neste estudo, há evolução do conhecimento sobre a remuneração pelo trabalho, o que permitiu classificar crianças e adolescentes em diferentes níveis. Verificamos diferenças nas concepções dos sujeitos sobre a execução e o pagamento por essas tarefas. Os sujeitos transitam em níveis diferentes de compreensão.

As crianças de 4 a 6 anos acreditam que as pessoas ganham dinheiro por seu trabalho, mas não compreendem outras dimensões, como *reconhecimento*, *elogios*, *aprendizagem* etc. Essas ideias surgem aos 7 anos, aproximadamente, e são mantidas até a adolescência. Na adolescência, compreendem fatores sociais que determinam a divisão social e sexual do trabalho. Crianças e adolescentes absorvem os valores difundidos em seu meio social que podem estar carregados de estereótipos. Há necessidade de pesquisas mais amplas sobre a temática para verificação de questões como diferença de remuneração por profissão e aprofundamento na questão do trabalho doméstico aliadas a estudos acerca das concepções familiares sobre trabalho. Sugere-se, ainda, a ampliação das faixas etárias para verificação de mudanças em outras idades.

## **8. REFERÊNCIAS**

BERTOLINI, L. B. A. **Relações entre o trabalho da mulher e a dinâmica familiar**. 2. ed. São Paulo: Vetor, 2002.

DELVAL, J. **Introdução à prática do método clínico**: descobrindo o pensamento das crianças. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DELVAL, J.; DENEGRI, M. **Concepciones** evolutivas acerca de la fabricación del dinero II. Los tipos de respuestas. **Investigación em la escuela**, n. 48, p. 55-70, 2002.

ENESCO, Ileana; SIERRA, Purificación. La comprensión del acceso a distintas profesiones: un estudio evolutivo. In: **Infancia y Aprendizaje**. Madrid, 1995.



FERREIRA, V. **Transformando o conceito de trabalho**: o feminismo mudou a forma de ver o mundo do trabalho. Disponível em: <<http://www.cfemea.org.br>>. Acesso em: março, 2006.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.35, n.3, p. 20-29. Mai/Jun. 1995.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (edição original 1966).

PIAGET, J. **A representação do mundo na criança**. São Paulo: Ideias e Letras, 2005. (edição original 1947).

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2006. (edição original 1968).

PIAGET, J. **Estudos sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

RAMALHO, J. R.; SANTANA, M. A. **Sociologia do trabalho no mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

TRINDADE, Z. A. Dinheiro e prestígio: representação social de trabalho entre crianças e adolescentes. In: NOVO, H. A.; MENANDRO, M. C. S. et al.(Orgs.). **Olhares diversos**: estudando o desenvolvimento humano. Vitória: UFES, 2000. (Programa de pós-graduação em Psicologia: CAPES/PROIN).

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

VIANA, N. O trabalho feminino sob o capitalismo. In: MARQUES, E. (Org.). **A questão da mulher**: opressão, trabalho e violência. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.

\*Recebido em 04 de Julho de 2011 Aceito em 14 de Dezembro de 2011.